

EDITORA GIROFLÉ: UM LAMPEJO DE POESIA E SONHO NO MERCADO DE LIVROS PARA A INFÂNCIA BRASILEIRA (1962-1964)

Norma Sandra de Almeida Ferreira¹
Maria das Dores Soares Maziero²

Resumo: O objetivo do artigo é construir uma história da editora Giroflé, que teve breve existência no mercado editorial (1962-1964), além de apresentá-la aos leitores atuais como um trabalho editorial inovador de uma equipe multidisciplinar de profissionais, sob a coordenação dos portugueses Sidónio Muralha (1920-1982) e Fernando Lemos (1926-2019). Em uma pesquisa de natureza histórica e bibliográfica, foram explorados documentos inéditos, indagando também a respeito das condições de produção e de circulação dos cinco livros da Coleção Giroflé-Girafa, um projeto coerente e audacioso dessa editora, com a intenção de oferecer uma educação literária e cultural de alta qualidade para as crianças brasileiras.

Palavras-chave: Editora Giroflé; Sidónio Muralha; Coleção Giroflé; História do livro infantil; História da literatura.

Giroflé publishing house: a glimmer of poetry and dream in the Brazilian childhood book market (1962-1964)

Abstract: The article's objective is to build a history of Giroflé publishing house, which had a brief existence in the publishing market (1962-1964), in addition to presenting it to current readers as an innovative editorial work by a multidisciplinary professionals' team, under coordination of Sidónio Muralha (1920-1982) and Fernando Lemos (1926-2019), both Portuguese. In a historical and bibliographical research, unpublished documents were explored, also inquiring about conditions of production and circulation of the five books of Giroflé-Girafa's Collection, a coherent and audacious project of this publisher, to offer a literary, cultural and high quality education for Brazilian children.

Keywords: Giroflé publishing house; Sidónio Muralha; Giroflé Collection; Children's book history; Literature's history.

¹ Universidade Estadual de Campinas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>. E-mail: normasandra@yahoo.com.br

² Centro Universitário de Paulínia (SP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2783-3021>. E-mail: s.maziero@uol.com.br

ENCONTRO COM A EDITORA GIROFLÉ

O ponto de partida para este artigo foi o interesse e o gosto das autoras por buscar as primeiras edições de algumas obras, com a intenção de revisitar a história da literatura infantil e dos livros destinados às crianças do nosso país desde o século XIX. E, ainda, com o intuito de, no polo da produção, conhecer e divulgar autores, livrarias, editores e editoras em meio às práticas e representações do mundo dos livros.

Já compartilhávamos os estudos trazidos pela História Cultural, especialmente os de Cavallo e Chartier (1998); Chartier (1990; 1999) e Burke (2005), entre outros, sobre a história da leitura e dos livros, nos polos da produção, mediação, recepção e circulação. Já assumíramos, então, que as primeiras edições de uma obra poderiam ser interrogadas como objetos culturais historicamente produzidos pelos interesses do grupo que as forja e pelos mecanismos que orientam o horizonte de expectativas de seu público leitor.

Deste modo, construir a breve trajetória da editora Giroflé que a idealizou, nos pareceu uma oportunidade de afirmar a singularidade desta jornada empreendida por poetas, escritores e intelectuais atuantes na década de 60 do século XX. E, também, nos pareceu original descrever e analisar as cinco obras da Coleção Giroflé-Girafa, nos projetos editoriais de que esse grupo lançou mão para divulgá-las e colocá-las em circulação no mercado.

Metodologicamente, nos situamos nas pesquisas de cunho bibliográfico, documental e histórico, consultando acervos disponíveis em diferentes instituições (Fundação Sidónio Muralha; Museu da Pessoa) para compor um caleidoscópio. Buscamos e construímos muitas e diversas fontes primárias - memórias, biografias, cartas, crônicas, matérias de jornais, impressos ligados ao tema da pesquisa, assim como depoimentos orais registrados em vídeo e em transcrições escritas. Consultamos bancos de dados digitais, como o Catálogo de Dissertações e Teses da Capes e artigos do Scielo, buscando acolher os pesquisadores que já se debruçaram sobre as temáticas de nosso interesse - estudos sobre literatura infantil ou sobre editoras brasileiras.

Operamos com essas fontes e com esses documentos, cruzando-os para confrontar, complementar, preencher lacunas. Explorados individualmente ou

em seu conjunto, estas fontes e documentos nos possibilitaram organizar a escrita de uma narrativa ainda não divulgada nos meios acadêmicos, gerando assim novas configurações de conhecimento em torno do que se quer investigar. Trata-se de ações de interrogação, de organização, de descrição de cada documento, de identificação de pontos menos explorados ou exclusão de repetições quando na análise do conjunto; de levantamento de hipóteses, cruzamento de várias fontes e verificação de coerência entre elas; aproximação ou valorização de sentidos diversos ou comuns, interpretação de cada documento ou do conjunto deles, enraizados que são em suas condições de produção (FERREIRA, 2023), construindo uma narrativa plausível e coerente sobre a editora Giroflé (1962-1964), responsável pela publicação da Coleção Giroflé-Girafa, pelos vestígios do passado, mas com o olhar do presente e uma projeção do futuro, através da leitura de nossos leitores.

Uma hipótese tornou-se insistentemente perseguida no manuseio dos documentos e durante todo o processo de escrita da pesquisa: a Coleção Giroflé-Girafa³ foi estratégica e intencionalmente lançada no meio editorial como um projeto inovador para a época, do ponto de vista estético, artístico, pedagógico e cultural, mas, atualmente, é pouco conhecida e estudada no campo da história da literatura para crianças e dos livros infantis.

Muitas perguntas e dúvidas foram levantadas, orientando o desenvolvimento da pesquisa e se corporificando nas seguintes indagações: o que ainda podemos construir sobre a editora Giroflé e sobre os sujeitos que foram responsáveis pela sua criação e funcionamento? Em que condições de produção e de recepção os livros que compõem a Coleção Giroflé-Girafa foram criados e lançados no mercado editorial? De quais estratégias editoriais a equipe responsável pela produção dessa Coleção lançou mão para posicioná-la no mercado editorial como um produto diferenciado?

³ Em carta de Sidônio a Fernando Lemos, ele faz referência aos *livros da Giroflé e Giroflá*, mas nas contracapas do livro *Ou Isto Ou aquilo* (MEIRELES, 1964) e nos Boletins Pedagógicos da editora, o nome registrado é *Coleção Giroflé-Girafa* (FERREIRA, 2021; 2023), o qual passaremos a adotar no presente texto.

EDITORA GIROFLÉ: PUBLICAÇÃO EXCLUSIVAMENTE DE LIVROS INFANTIS

“Giroflé nasce de um apetite editorial que eu já tinha e que foi concretizado com a chegada [ao Brasil] de um grande poeta português neorrealista, Sidónio Muralha”. É assim que Fernando Lemos inicia seu depoimento sobre esta editora, em entrevista ao Museu da Pessoa (2017, São Paulo, SP).

José Fernandes Lemos, conhecido como Fernando Lemos (1926-2019), foi fotógrafo, ilustrador, caricaturista, dedicando-se às artes plásticas, à publicidade e ao desenho gráfico e industrial, além de ter lecionado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Já Sidónio Muralha (1920-1982), apesar da formação na área de finanças e economia, enveredou pela literatura - poesia, conto, romance e memórias - tendo publicado livros para o público adulto e ainda 14 livros para crianças, em prosa e verso, no Brasil e em Portugal.

Tanto Fernando quanto Sidónio nasceram em Portugal, país que deixaram por se oporem ao regime salazarista, que vigorou de 1933 a 1974 naquele país. Fernando Lemos, “o homem que Salazar mandou para a gente” (LE MOS, 2017) escolheu o Brasil para residir em 1953, fixando-se na cidade de São Paulo.

Sidónio Muralha, “um português cidadão do mundo” (GARCEZ, 2003), deixou Portugal em 1942, rumo ao Congo Belga, no continente africano, a fim de trabalhar como administrador comercial na multinacional Unilever. No contexto da efervescência política que culminou com a independência da República do Congo, ele realizou dezenas de viagens por outros países da Europa e América, prestando assessoria econômica em mercados financeiros, até efetivar um pedido de demissão nos anos 60 e fixar sua moradia no Brasil, em 1962.

Sidónio e Fernando Lemos jamais retornaram definitivamente para Portugal, mesmo depois que a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, restituiu a democracia à pátria de ambos.

Mas há ainda um terceiro português, Fernando Correia da Silva (1931-2014), também escritor e com formação (incompleta) em Economia, que trabalhou como tradutor e redator da Editora da Livraria Francesa e que foi coordenador de edições da Difusão Europeia do Livro – DIFEL no Brasil, que, antes de voltar para Portugal com o fim da ditadura salazarista, também se juntou a Sidónio e a Fernando Lemos para fundar a Editora Giroflé.

Esses três portugueses que chegaram a São Paulo trilhando trajetórias individuais, se uniram a muitos outros exilados políticos portugueses que atuavam em importantes jornais e revistas de nosso país, formando uma rede de intelectuais de esquerda, com o apoio de brasileiros, nomeadamente ligados à Universidade de São Paulo, do Partido Comunista, dos estudantes e do movimento sindical (BATISTA, 2016).

O encontro que reuniu estes três portugueses - Fernando Lemos, Sidónio Muralha e Fernando Correia, culminando com a criação da Giroflé, provavelmente em setembro de 1962, foi “uma ideia boa”, “um sonho”, como Lemos (2017) se refere a este tempo, lamentando que não tenha dado certo.

E, para possibilitar a concretização desse sonho, cada um deles se dedicaria à esfera na qual se sentisse mais capaz de colaborar: Fernando Correia se julgava competente para cuidar da distribuição dos livros (LEMOS, 2003), então dirigiu o setor editorial; Fernando Lemos tornou-se o principal responsável pela direção artística/gráfica de todos os livros da Coleção, e Sidónio Muralha, já autor de livro infantil, além de escrever, entraria com um capital significativo, referente à volumosa indenização, em dólar, que acabara de receber da empresa para a qual trabalhara no antigo Congo Belga. Quanto à direção comercial, ficaria sob a responsabilidade de Cosmo Juvela⁴, formado em Contabilidade, que atuava no ramo de editoras desde 1956, vindo a ser mais tarde um dos fundadores da Associação Brasileira de Difusão do Livro.

Formou-se, deste modo, a equipe responsável por angariar fundos financeiros, organizar o espaço gráfico, contatar a rede de escritores e artistas através de “um boca a boca”, para compor o que Sidónio chamou de “(...) antes

⁴Disponível

em:

<<https://prefeitosdesaopaulo.webnode.com.br/noticias/materia-cosmo/>>
Acesso em jan. 2023.

de mais nada uma congregação em volta de uma ideia (...)” (MURALHA, 28/02/1965, Carta a Heitor Grillo).

(...) nunca fizemos contratos, estabelecendo que a comissão de 10% (5% para o escritor e 5% para o desenhador) incidiria sobre o valor fixo que era, nos últimos acasos de 800 Cr\$, sendo este montante o que deveria voltar à Giroflé, em média, depois da venda de todos os volumes. Tudo isto escapava às normas tradicionais: mas todos estiveram de acordo, a finalidade primeira de Giroflé sendo levantar o nível da literatura infantil de língua portuguesa sem exagerar os preços e oferecendo aos leitores uma alta qualidade gráfica. (...). (MURALHA, 1965. Carta a Heitor Grillo, 28/02/1965).

Umhas 80 pessoas, entre elas empresários, artistas e intelectuais que apoiavam “moralmente” a proposta, seriam “sócios”, pagando um pequeno valor mensal ou investindo na compra de uma pequena quantidade de ações: “eu fui atrás dos conhecimentos que tinha. [Leon] Feffer que era meu amigo (...) disse: Ah! eu não posso pôr dinheiro nisso aí em ações porque sou fabricante de papel, não posso ser editor. Mas põe ações aí para a gente, quando quiser... eu dou o dinheiro, põe, sou simpático à ideia” (LEMOS, 2003; 2014).

O nome dado à Editora (Giroflé) se refere a “uma planta florida, a *giroflé de cinq feuilles* [que] lembra a marca dos cinco dedos da mão (...) e deve ter sido uma cantiga da Velha França, (...) que chega em Lisboa, embarca para o Brasil, vira carioca, mete nas palavras um diabinho que corre atrás da gurizada”, conforme escreve Sidónio Muralha no Boletim Pedagógico nº 2 (nov. 1962, s/p). Uma cantiga saltitante e alegre que une as crianças em uma dança de roda que atravessa fronteiras e viaja, adaptando-se e fazendo dançar um povo, uma cidade, um bairro, uma rua, um grupo de meninos e meninas que se dão a mão.

Giroflé pode ser compreendido, assim, como uma metáfora da proposta da editora: uma dança de roda em que artistas e intelectuais se dão “as mãos para formar um círculo à volta de uma ideia. E mais do que uma ideia: movimento” (Boletim Pedagógico, nº 2, nov. 1962, s/p). Uma ação de muitos, juntos e unidos em torno do objetivo de produzir livros que rompem barreiras,

que migram para várias partes do país, que alcançam as crianças, com alegria, em tempo de Giroflé.⁵

Coube a Fernando Lemos a criação do logotipo da editora, na forma de um catavento. Seria esta uma representação de algo que indica a direção do vento que tudo move? De uma roda que gira e gira ideias unidas por uma haste? Seria a flor Giroflé, cujas pétalas se juntam como em uma dança, mãos que escrevem, pintam, desenham e colorem páginas com poemas, prosa e ilustrações que giram com o movimento da leitura?

Em meados de 1962, alugou-se a sala 33, na Rua Marquês de Itu, nº 266, no centro da cidade de São Paulo, onde foi instalada uma máquina plana de folha inteira para imprimir os livros e cartões postais. Para reduzir os custos, a editora aceitaria eventuais encomendas externas para impressão. Os móveis foram doados pela *Forma*, uma fábrica, segundo Lemos (2003), moderna e de luxo, para uma instalação confortável e necessária. O Feffer autorizou seus funcionários a fornecer quanto de papel a editora precisasse para publicar seus livros infantis, o que está registrado em todas as obras da Coleção: “que elas foram impressas sobre **papel da Indústria de Papel Leon Feffer S.A.**” (in: *A televisão da bicharada*, MURALHA, 1962, grifo nosso).

Tudo indica que, já no início do ano de 1963, apesar do temor de que perdessem o controle financeiro deste empreendimento, Sidónio Muralha comunica a Fernando Lemos a compra de uma outra gráfica pela equipe Giroflé para atender a novos projetos já esboçados ou definidos para os próximos meses, como as coleções *Livros Galileu* e *Clássicos de Bolso*, dirigidas pelo Casais Monteiro (carta de Muralha a Lemos, em 22 de fev. de 1963). De fato, os últimos livros da Coleção (*O Sindicato dos Burros*, de 1963, e *Ou isto ou aquilo*, de 1964), trazem a informação “**Giroflé editou**” (grifo nosso), diferentemente da edição dos primeiros livros, onde se lê que foram publicados pela Gráfica Bentivega.

Para o grupo idealizador, era importante que a editora fosse exclusivamente voltada para a publicação de livros infantis de autores nacionais,

⁵ Segundo Sidónio Muralha, “é o tempo do Giroflé que Cecília [Meireles] recorda, com palavras equilibradas, exatas e sonoras, no seu belo livro *Giroflé, Giroflá*, publicado em 1956. É o tempo (...) em que também a literatura infantil de língua portuguesa poderia dizer como Cecília: é o tempo do Giroflé”. (Boletim Pedagógico nº 2, 1962).

pois, segundo Lemos (2017), “vamos fazer porque não se faz literatura infantil e o que chega aqui vem do estrangeiro, estamos pagando *royalties*”.

Apesar dessa afirmação de Lemos, já circulava uma certa literatura para crianças no Brasil nos anos iniciais da década de 60 do século XX, período em que a Giroflé foi criada, literatura esta composta por livros infantis que não vinham, necessariamente, do estrangeiro, sendo produzida por autores nacionais. Para D’Ávila (1964, 1ª ed.1962, p. 39), por exemplo, muitos escritores brasileiros “têm trabalhado no terreno da literatura infanto-juvenil criando belas obras de viagem, ficção, biografias, lendas e histórias de valor moral (...) como: Ofélia e Narbal Fontes, Érico Veríssimo; Guilherme de Almeida, Mário e Hernâni Donato, Lúcia Machado de Almeida, Odette de Barros Mott, entre outros”, sem esquecer a significativa obra infantil de Monteiro Lobato.

Citando um fato mais pontual, em setembro de 1963 é publicado pela primeira vez no *Jornal Folha de S. Paulo* o suplemento infantil *Folhinha*, idealizado e escrito pelo outro Fernando do trio da Giroflé, o jornalista Fernando Correia da Silva, que assumira o papel de editor na editora. Nesse suplemento, havia a seção “Quem lê vale mais!” e nesta edição de estreia há indicações de leitura para o público infantil, com seis obras publicadas por três editoras: 1) Editora Agir: *Pedro Pipoca; Bilino e Jaca*, de Clemente Luz (para crianças) e *Juventude em Alto Mar*, “dedicado aos jovens”; 2) Editora Melhoramentos: *Villa-Lobos - Alma Sonora do Brasil*, de Arnaldo Magalhães; *As aventuras do Barão de Munchhausen* e *Álbum Colorama nº 1*; 3) da Brasiliense: *Glorinha e o Mar*, de Isa Silveira Leal; 4) Companhia Editora Nacional, que “continua alcançando sucesso com as reedições de *Pinocchio*, de Collodi, *Pequena história do mundo para crianças*, de W. M. Hyllier e *A Macacada*, de Viriato Correa.

Dentre os títulos indicados, há traduções e adaptações, caso de *Pinocchio* e *Pequena história do mundo para crianças*, mas os demais livros são criação de autores nacionais. No caso da Editora Melhoramentos⁶, por

⁶ Sobre a Editora Melhoramentos, trata-se de uma empresa com muito tempo de atuação no âmbito dos livros destinados à infância, tendo lançado em 1915 a coleção *Biblioteca Infantil Melhoramentos*, idealizada pelo Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto e ilustrada com aquarelas do pintor Franz Richter, que alcançaria 100 títulos até 1958. Essa Biblioteca é composta, **em sua maioria**, de traduções e adaptações, tendo sido *O Patinho Feio*, de Andersen, o volume I da coleção (MAZIERO, 2015, grifo nosso).

exemplo, há uma biografia, uma adaptação (*As aventuras do Barão de Munchhausen*) e um Álbum, que, segundo informado, se propõe a ensinar sobre animais brasileiros de forma lúdica, uma vez que a criança “deve recortar as figurinhas e colar nos quadrinhos correspondentes”.

Percebe-se, assim, que havia uma produção significativa de obras destinadas à infância brasileira, tanto que Arroyo (1968) registra uma pesquisa publicada em 1966 pelo Centro de Bibliotecnia, segundo a qual,

(...) 6 editoras no Brasil se dedicavam a publicar livros para crianças de 5 a 8 anos; 7 editoras o faziam para crianças de 8 a 10 anos e 22 editoras inscreviam-se na área de livros para crianças de 10 a 14 anos. Adverte a pesquisa que não são poucas as editoras que deixaram de figurar no exame da produção de livros para crianças, cuja tiragem alcançou milhões de exemplares. A dificuldade maior está, pois, no grande, imenso número de autores de livros infantis que se aventuram no gênero, com um único, se não dois títulos, no máximo, e não produzem mais nada. Qualquer catálogo fornece exemplos múltiplos do fenômeno. (ARROYO, 1968, p. 211)

Deste modo, é possível afirmar que havia livros infantis, nem todos de autores estrangeiros, mas que nenhuma dessas obras havia sido escrita, impressa e divulgada nos moldes de inovação e excelência propostos pelo grupo de pessoas envolvidas com a fundação da Giroflé, mesmo porque as editoras que publicam livros para crianças sempre buscaram atender às necessidades (didáticas) do sistema escolar de qualquer tempo histórico.

“PERIPÉCIAS TEVE MUITAS, MAS FORAM TODAS DO GÊNERO DE UMA COISA QUE É UM SONHO MESMO” (LEMOS, 2014)

“Foi uma circunstância feliz que tantos escritores, poetas, artistas plásticos, pedagogos, psicólogos, arquitetos e cineastas se tivessem reunido e formado a equipe” (MURALHA, Boletim Pedagógico Giroflé, nº 2, novembro de 1962), equipe esta multidisciplinar, com o objetivo de alcançar a criança e a juventude, orientada pela principal exigência: qualidade.

Pessoas, ideias e entusiasmos formaram
 GIROFLÉ. E GIROFLÉ pôs logo em
 movimento outras pessoas, mais ideias
 e maiores entusiasmos.
 Os intelectuais que se reuniram,
 com o firme propósito de
 atualizar a literatura infantil, constituem
 a equipe técnica da GIROFLÉ:
 pedagogos — Myriam Xavier Fragoso,
 Stela Cunha Santos, Fanny Abramovich,
 psicólogos — Tessa Hantzschel, Raquel
 Vieira da Cunha, Naemio Weniger,
 Anibal do Silveira, Isaias Melsahn, Vicente
 d'Andretta, Roberto Tomchinsky,
 cineastas — Ilko Laurito, Paulo Emílio Salles
 Gomes, Rudá de Andrade

arquitetos — João Vilanova Artigas,
 Paulo Mendes da Rocha,
 Abrahão Sanovicz, João Stroeter,
 Manoel Kosciuszko Corrêa,
 artistas plásticos — Gerda Brentani, Maria
 Bonomi, Aldemir Martins, Willys de
 Castro, Fernando Lemos, Hercules Barsotti,
 escritores — Cecília Meireles, Lúcia
 Machado de Almeida, Tatiana Belinky,
 Carlos Drummond de Andrade,
 Jorge Amado, Sisaônio Muralha, Reynaldo
 Jardim, Guilherme Figueiredo, Jorge
 de Sena, Nelson Coelho, Adolfo Casais
 Monteiro, João Sarmento Pimentel,
 Fernando Silva, Victor Rêgo

Boletim Pedagógico nº 2, nov. 1962

Fonte: Fundação Sidônio Muralha

Entre os artistas plásticos, Maria Bonomi, Willys de Castro, Gerda Brentani, Aldemir Martins. Entre os escritores, Cecília Meireles, Tatiana Belinky, Carlos Drummond de Andrade e até Vinícius de Moraes, que iniciou o *Dicionário da Travessura*, que, infelizmente, foi apenas até a letra “M”, entre outros.

Cineastas como Rudá de Andrade e Paulo Emílio Salles Gomes colaboravam dando ideias, tendo se juntado à equipe, “animados por contágio do circuito acadêmico e artístico audiovisual, bem como técnicos de desenho animado, “propondo pequenos exemplos apropriados para as primeiras séries de ensino” (LEMONS, 2003, p. 191). Também alunos da disciplina “Desenho industrial”, da FAU/USP, interessaram-se em criar ou reproduzir brinquedos de madeira, com sobras de uma grande fábrica de caixotes de embalagem de propriedade de um amigo de Fernando Lemos, também português.

Segundo matéria publicada pelo *Jornal Folha de São Paulo* em setembro de 1963, a Giroflé, que sabia fazer livros muito bonitos, funcionava da seguinte maneira:

Sidônio é um homem que sabe contar histórias bonitas de bichos para gente miúda ler. (...). [Mas] escrever um livro não é só inventar uma história, colocar dentro de uma máquina, virar uma manivela e sai tudo prontinho do outro lado. Precisa antes de tudo, do editor, isto é, o homem que faz o livro. (...) [mas] o editor, porém, não faz tudo sozinho. Quem muito ajudou Fernando [o editor] foi uma moça sorridente, Fanny Abramovich. Outros que não podem ajudar com o trabalho colaboram com o dinheiro e são chamados de acionistas. A editora tem 56 deles, entre homens e mulheres que escrevem, constroem casas, que estudam, que pintam, que fazem uma porção de coisas. Todos têm muita boa vontade com gente miúda. (*Jornal Folha de São Paulo*, suplemento FOLHINHA, coluna “Quem lê vale mais!”, set. 1963).

Havia uma declaração de princípios a seguir: “escrever um livro infantil é bom. Criar uma literatura infantil é melhor. E por ser necessário, urgente e útil [moderno] foi nesse sentido que se orientaram as pesquisas e os esforços da Giroflé” (MURALHA, *Boletim Pedagógico Giroflé*, nº 2, novembro de 1962). Organizaram-se grupos de orientação e de estudos para apoio pedagógico com interessados em fazer desse um espaço editorial autônomo, para promover uma educação cultural e artística de qualidade, através do espaço escolar como mobilizador da formação do leitor (FERREIRA, 2023), e dos pais, principais mediadores para que o projeto desse certo.

Fanny Abramovich, Miriam Xavier Fragoso e Tessy Hantzchell ficaram responsáveis pela produção dos *Boletins Pedagógicos GIROFLÊ*, com o objetivo de oferecer diferentes atividades para as crianças a serem desenvolvidas pelos pais. Os *Boletins*, distribuídos gratuitamente nas escolas, tratavam de temas como: pintura, cerâmica, teatro, biblioteca, TV, cinema, música, ginástica, esportes, dança, literatura, brinquedos, jornal, jardinagem, carpintaria - divididos em diferentes seções, como, por exemplo: “Cartas dos leitores dos livros da Giroflé”; “Meninos Giroflando”, com textos e desenhos das crianças; “Pergunte e nós respondemos”, com orientações dos especialistas aos pais; “A criança e a educação musical”, entre outras.

Figura 1



Boletim Pedagógico s/d - Fonte: Fundação Sidônio Muralha

A respeito das atividades, o material divulgava que haviam sido preparadas seguindo fundamentação psicológica, havendo também a ideia de que, mensalmente, a família receberia um número do **BOLETIM PEDAGÓGICO GIROFLÉ**, junto ao livro da Coleção que seria entregue à criança.

Esse material apresentava a mesma qualidade gráfica e tipográfica dos livros (papel de qualidade, disposição planejada do texto/ilustração na página, estética visual etc.), associada à qualidade textual, acolhendo a finalidade do suporte, os interlocutores, a coerência e clareza de linguagem. Mais do que um produto da Giroflé, tratava-se de uma estratégia editorial dentro de um programa que pretendia ser “sólido, com alicerces racionais, uma organização prática” (MURALHA, carta a Lemos, 22/02/1963), para chegar aos adultos,

aqueles que pagariam pela assinatura da Coleção Giroflé Giroflá, conforme Sidônio escreve para Fernando Lemos:

O primeiro grupinho dos professores já começou a visitar os pais dos alunos, conseguindo uma assinatura em cada duas visitas. Mas esta operação está no começo, e só em março, com as aulas funcionando e o nosso **boletim pedagógico já impresso** (...) conto obter, de comerciantes progressistas e com atividades ligadas às crianças, descontos de 10% para os nossos assinantes e também este argumento empurrará o barco. (MURALHA, carta a Lemos, 22/02/1963, grifo nosso).

Além deles, a editora *Giroflé* também criou e publicou coleções de cartões postais em um projeto de vanguarda esteticamente acolhedor do universo infantil: “segundo a orientação de arte-educadoras e, principalmente, de Fanny Abramovich, fizeram-se coletas de desenhos de crianças na rede escolar de São Paulo, o que deu origem a coleções de postais em forma de bloco” (LEMOS, 2003, p. 191).



Cartão postal e envelope

Fonte: Fundação Sidônio Muralha

Os produtos ligados à cultura escrita a serem adquiridos pelos pais eram elaborados segundo uma representação do gosto infantil e do que seria bom para este público. Todos estes produtos funcionavam, principalmente, como estratégias editoriais para promover a venda dos livros da Giroflé. Tudo integrado e articulado a um projeto editorial de formação educacional e cultural mais ampla para os pequenos.

É possível imaginar que alguns desses produtos oferecidos ou anunciados tiveram “vida breve” (só tivemos acesso, por exemplo, a três boletins) ou não chegaram nem a ser produzidos, como os audiovisuais, os brinquedos de madeira, os jogos. Mas o seu principal produto - os livros da

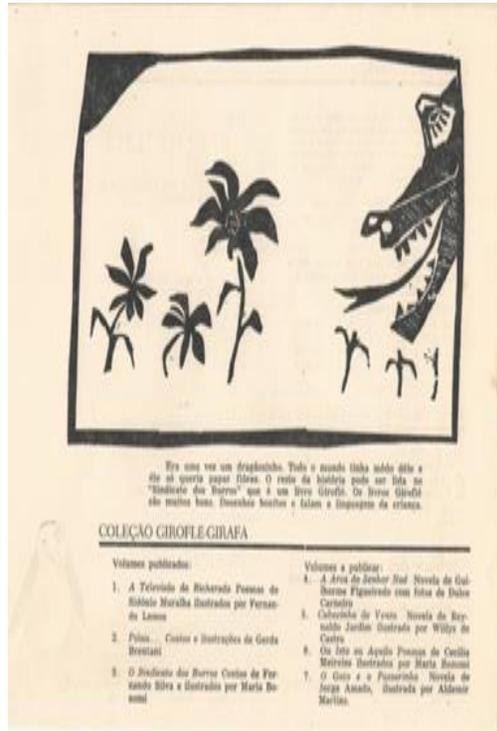
Coleção Giroflé-Girafa - os adultos puderam comprar, por 580 cruzeiros⁷, como vemos anotado na contracapa de *A televisão da Bicharada* (1962). As crianças puderam ler as obras, como revelam as cartas dos leitores, e até mesmo as receberam de presente, como se vê na dedicatória escrita em letra cursiva em exemplar de *A televisão da Bicharada*: “Maria Clara, para que continue gostando de poesia. Muito beijos de sua mãe. Hercília, julho de 1965. Itatiba SP”.

“PELA PORTA, PELA JANELA, PELA CHAMINÉ, OS NOSSOS LIVROS ENTRARÃO NAS CASAS...” (MURALHA, CARTA A LEMOS, 22/02/1963)

O nome dado à Coleção Giroflé-Girafa pode ter sido criado como um trocadilho com o refrão da canção que também deu nome à editora. Mas também pode ter sido uma estratégia de aproximação com o universo infantil, trazendo no título o nome de um animal, normalmente companheiro das crianças, na vida ou na imaginação.

A Coleção foi anunciada em várias matérias de jornais de grande circulação em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, nos Boletins Pedagógicos Giroflé, ou até mesmo nos primeiros livros impressos, como estratégia de divulgação. Nesse material, muitas vezes, ela parece haver sido idealizada como um conjunto de **sete** livros:

⁷ Cruzeiro era o padrão monetário brasileiro no período de 1942-1967, que é o período que estamos tratando neste texto.



Boletim Pedagógico s/d, s/p.
 Fonte: Fundação Sidônio Muralha

No entanto, identificamos dois títulos nesta lista (*Cabecinha de vento*, novela de Reynaldo Jardim, ilustrações de Willys de Castro; *O Gato e o passarinho*, novela de Jorge Amado, ilustrações de Aldemar Martins) que não foram publicados na Coleção Giroflé-Girafa.⁸ As informações sobre lançamentos dos livros da Coleção, em jornais ou cartas analisados por nós, e a foto das capas dos livros Giroflé disponível no acervo documental da Fundação Sidônio Muralha,⁹ fazem referência a apenas cinco obras.

⁸ Helen Butler Muralha (1931-), viúva de Sidônio Muralha, é médica e foi professora universitária na UF Paraná. A ela, que nos ofereceu muitas informações, e à Maria Clara Ricarte da Fundação Sidônio Muralha, que pronta e gentilmente nos enviou documentos digitalizados, gratidão imensa.



Capas dos livros Coleção Giroflé-Girafa

Fonte: Fundação Sidónio Muralha

A consulta aos exemplares que temos em mãos registram o ano da publicação e a divulgação dos “Livros Publicados” na “Coleção Giroflé-Girafa”. Segundo informação impressa nas últimas páginas de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, a sequência temporal da edição seria a seguinte: 1) *A televisão da Bicharada*, poemas de Sidónio Muralha, ilustrados por Fernando Lemos, 1962; 2) *Psiiuu*¹⁰, contos e desenhos de Gerda Brentani, 1963; 3) *O sindicato dos burros*, contos de Fernando Silva, ilustrados por Maria Bonomi, 1963; 4) *A arca do Senhor Noé*, novela de Guilherme de Figueiredo, com fotos de Dulce G. Carneiro, 1964; 5) *Ou isto ou aquilo*, poemas de Cecília Meireles, 1964.

Para quem pretendia publicar um livro por mês, com uma equipe de escritores de peso já convidada, além de projetos previstos para o lançamento de outras coleções para crianças, deve ter sido frustrante para seus editores não atingir os nobres objetivos inicialmente traçados. O que parece ter ocorrido, provavelmente, foi a edição de apenas dois livros por ano.

Consultando matérias de jornal ou cartas trocadas entre a equipe, podemos inferir com mais precisão as datas aproximadas das publicações. *A Televisão da bicharada*, por exemplo, foi mesmo o primeiro livro da Coleção, lançado perto do Natal de 1962. *Psiiuu*, de Gerda Brentani¹¹, deve ter sido

¹⁰Não conseguimos localizar nenhum exemplar de *Psiiuu*, de Gerda Brentani. Segundo Lemos (2014), apenas Fanny Abramovich (1940-2017) tinha a coleção completa. E a Fundação Sidónio Muralha emprestou recentemente seu exemplar para uma exposição em Lisboa, Portugal.

¹¹ Gerda Brentani (1908-1999) nasceu em Trieste, Itália, e foi pintora, caricaturista, desenhista, gravadora e ilustradora. Mudou-se para a cidade de São Paulo em 1939, com marido e dois filhos. Disponível em <<http://arnaldochieus.blogspot.com/2015/06/gerda-brentani-desenhista-e-ilustradora.html>>, acesso em 31 jan. 2023.

lançado em meados do primeiro semestre de 1963, com várias lamentações de Sidónio pelo atraso, conforme lemos em carta dirigida a Fernando Lemos em 22/02/1963: “2º P.S: O livro de Gerda sairá dentro de 8 dias (...). Desta feita houve vários contratempos”. Em matéria do *Jornal do Comércio* de 7/3/1963, também foi anunciado que o lançamento de *Psiuu* seria no mês de março, e que a seguir haveria o lançamento de *O Sindicato dos Burros*, de Fernando Lemos, lançado, provavelmente, no segundo semestre daquele mesmo ano. Em carta a Carlos Drummond de Andrade, em 16/2/1964, Sidónio informa que em breve lhe enviará o “4º livro da Giroflé. Trata-se da *Arca do Sr. Noé*, de Guilherme Figueiredo, com fotografias que foram transfiguradas com chapas de cor”. Sabemos que *Ou isto ou aquilo* foi lançado com Cecília Meireles ainda viva, também em 1964, provavelmente no meio daquele ano (FERREIRA, 2023).

Os livros foram anunciados e propagandeados na mídia jornalística com muitos elogios, de que é exemplo a matéria “TV da Bicharada”, em que Herculano Pires destaca a inovação da editora na criação de uma linha editorial especializada e exclusiva de literatura infantil, inaugurando uma nova fase no processo de criação do livro para crianças: “(...) servindo-se da orientação da psicologia e da pedagogia, os livros-Giroflé exercerão influência inevitável em todas as nossas editoras, determinando uma posição nova em face de problemas da literatura infantil brasileira (...)” (*Diário da Noite*, 29/12/62).

Pesquisadores contemporâneos que têm se debruçado sobre a feitura gráfica desses livros (CAMARGO, 1998; FERREIRA, 2009; 2021, 2023) têm reafirmado a qualidade e a inovação de seu projeto estético, vanguarda tanto do ponto de vista da linguagem poética, quanto na alta qualidade artística de seus ilustradores.

Segundo Ferreira (2023), a Giroflé coloca-se no mercado como um projeto editorial visualmente estético e intencionalmente elaborado, a serviço de um programa educacional enraizado na tradição da arte, da canção e da pintura dos homens. Tradição e modernidade, um programa antenado a seu tempo, conforme afirma Sidónio Muralha, no *Boletim Pedagógico*, nº 2, NOV. 1962, s/p: “a cada um de nós foi dado o privilégio de ser moderno. Responsáveis, que somos, devemos dar às crianças uma linguagem visual atual. Já pensaram em crianças que não fossem modernas?”.

Coube a Fernando Lemos, o “perfil gráfico com um design ligado, pelo formato retangular, à imagem das caixas de lápis de cor do material escolar, que foi logo reconhecido no mercado como um diferenciamento de boa qualidade” (LEMOS, 2003, p. 191) e que buscava corresponder aos objetivos da editora: “estimular o bom gosto artístico da meninada, oferecendo-lhes livros graficamente bem apresentados, com ilustrações artísticas e com textos adequados à sua idade mental” (Revista *Visão*, 14/12/1962). Este projeto estético é visualmente inusitado para um leitor contemporâneo pelo formato retangular (31,5 cm X 12 cm) dado a cada obra e, às vezes, até pela disposição do texto, como é o caso de *O Sindicato dos burros*, de Fernando Lemos.

A Televisão da bicharada, premiado pela Bienal do Livro em São Paulo em 1962, foi escrito para crianças pela “(...) mesma mão a escrever os poemas de protesto e de denúncia, (...) de um modo que extravasa uma torrente de graça, ternura, delicadeza” (GARCEZ, 2003, p. 164).

Nesse livro, a poesia se faz na solidariedade da “borboleta”, em um encontro *non-sense* com o menino na escola:

voou por engano uma flor./ Não sei se voou/um mês/ ou se voou/um ano./ mas seja como fôr/ voou uma vez./duas, três,/ uma flor./ entrou/na escola/ e descansou/na sacola/preta/preta/do menino branco/ que estava no banco/ e lhe chamou/borboleta. / E a borboleta/ para agradecer/ abriu a sacola/ e ajudou o menino a fazer/ os exercícios da escola. (MURALHA, 1962, “Recompensa”, s/p.).

Mas ela também se faz nos trocadilhos, nas repetições, nas aliterações que provocam o riso e criam a brincadeira, como no poema “Conversa”: “quando um tatu/encontra outro tatu/tratam-se por tu: /- Como estás tu?./ tatu?/ - Eu estou bem e tu,/ tatu?/ Esta conversa gaguejada/ é ainda mais engraçada? /Eu estou bem e tu/ ta-ta, ta-ta,/ tatu? digo isto para brincar/ pois nunca vi/ um ta-ta-ta,/ tatu/ gaguejar” (MURALHA, 1962, s/p).

Para Nelly Novaes Coelho (1984, p. 231) Sidônio Muralha conserva “a pureza do olhar inaugural”, a par de “uma grande imaginação e sensibilidade sensorial/auditiva e de um senso de humor contagiante”, trazendo, de forma recorrente, em sua obra para as crianças, o universo dos animais, em uma surpreendente diversidade de espécies.

No primor de cada página, no luxo da apresentação, na cor que tingem as letras ou as ilustrações, há uma feitura estética de Fernando Lemos. Poucas cores - verde, preto, marrom amarelado, vermelho - cada uma delas em um poema, ou prolongando-se de uma página a outra; ou, ainda, uma cor da ilustração se repetindo na escrita do poema que acompanha o desenho como, por exemplo, em “Teimosia” ou em “Boas Maneiras”:



Poemas “Boas maneiras” e “Teimosia”, de *A televisão da bicharada* (1962 s/p).

Fonte: Arquivo pessoal da autora

O clássico *Ou isto ou aquilo* (1964)¹² traz os 20 famosos poemas reconhecidos pelo uso da linguagem sensível e lírica de Cecília Meireles (ARROYO, 1990). A sonoridade e o movimento dados à palavra, a construção de concretude imagética enlaçada na e pela vida (complexa e multifacetada), sua delicadeza e simplicidade no *flash* de uma brincadeira, das pequenas felicidades fugidias, das indagações que não cessam: oscilações poéticas do plano inteligente e imaginativo, do real e ficcional, do racional e sensível.

As 18 belíssimas xilogravuras (de 30,5 x 10,8 cm) de autoria de Maria Bonomi¹³ educam o olhar do leitor para uma apreciação estética que acolha as

¹² Sobre a primeira edição de *Ou isto ou aquilo* (1964), ver FERREIRA (2009; 2021; 2023).

¹³ Maria Bonomi (1935-) é uma artista plástica ítalo-brasileira que reside em São Paulo. É gravadora, escultora, pintora, muralista, curadora. Nos anos 60, ela já estava totalmente rendida à arte da xilogravura e reconhecida pela crítica no eixo SP-RJ.

instigantes, para que as crianças que ainda não soubessem ler pudessem “(...) abrir o livro para olhar... para complementar” (BONOMI, 2014).

Maria Bonomi ilustra mais um dos cinco livros publicados na Coleção Giroflé-Girafa, *O Sindicato dos burros*, que é composto por cinco pequenos contos, em uma disposição gráfica que exige que a leitura seja feita com o livro disposto na horizontal.



Conto “A menina que não falava a língua da gente”, de *Sindicato dos burros* (1964, s/p).
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O primeiro conto de *O Sindicato dos Burros* leva o mesmo nome do título da obra, sendo seguido pelas seguintes histórias: *El-Rei Branquinho*; *Juca Mineiro e o dragão*; *A menina que não falava língua de gente*; *Grão de Arroz e a primavera*.

A simplicidade narrativa e a linguagem, muitas vezes poética, tratam com leveza os conflitos humanos e a denúncia das relações injustas que permeiam a vida em sociedade.



Página do conto “Grão de Arroz” (*Sindicato dos Burros*, 1964)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As xilogravuras de Maria Bonomi em *Sindicato dos Burros* inspiram uma estética de delicadeza na composição das figuras entrecortadas, pequenas ou exageradas na disposição na página; a contenção cromática no desenho de apenas uma pequena fechadura branca no centro de um traço/grade (de prisão) na cor preta, no fundo azul que é cenário de um pequenino menino a empinar seu papagaio; na discrição dos traços estilizados que dão movimento às ondas do mar ou às folhas da árvore; no exagero da cabeça do Dragão, ou na exposição da metade do corpo do burro, que provoca efeito de humor ou sugere medo, pela visão de uma pequena mão entre duas grades.

A arca do Sr. Noé, de Guilherme Figueiredo¹⁵, traz, já na página de rosto, uma curiosa informação impressa: “História que Guilherme Figueiredo contou ao Luís Carlos quando êle tinha três anos e meio e o Luís Carlos, no dia seguinte, contou ao Guilherme Figueiredo que bateu à máquina a história que êle contou contada pelo seu filho”. E, em uma das últimas páginas que fecha a história, essa mesma informação vem reforçada, dando o autor os créditos autorais a quem cabe: “Luiz Carlos Figueiredo contou e/ Guilherme Figueiredo escreveu/ Dulce C. Carneiro¹⁶ ilustrou/ (...)”.

O título remete à história bíblica, conhecida por todos, sobre a destruição da Terra por Deus, que manda um dilúvio para castigar os homens maus, salvando apenas Noé, o único homem bom, que reúne um casal de cada espécie animal em sua arca.

Na novela de Guilherme Figueiredo, o enredo é mantido, mas sob a perspectiva de uma criança. A opção foi pelo uso da modalidade escrita mais

¹⁵ Guilherme de Oliveira Figueiredo (1915-1997) nasceu em Campinas/SP, em uma família de militares, sendo irmão do ex-presidente João Batista Figueiredo. Foi escritor e dramaturgo. Estreou na literatura em 1936, com o livro de poemas "Um Violino na Sombra". Disponível em <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa212882/guilherme-figueiredo>>. Acesso em 17 fev. 2023.

¹⁶ Dulce Granja Carneiro (1929 -2018). Fotógrafa, poeta, jornalista. Faz parte da primeira geração de mulheres fotógrafas profissionais. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa218617/dulce-carneiro>>. Acesso em 10 fev. 2023

próxima possível de um relato oral, com poucas pontuações, frases que seguem em cadência, léxico ligado ao mundo infantil e um narrador que, ao trazer palavras pouco usuais no cotidiano da criança, faz alusão à sabedoria paterna: “Tem uns bichos no dicionário do papai que nunca vi mas vieram: arminho, hiena, urso, pinguim” (FIGUEIREDO, 1964, s/p).

Há também lances em que as histórias se misturam, como naquela em que o “(...) lobo-guará que comeu a vovó de chapeuzinho vermelho e quando ia comer ela, vieram os caçadores e o mataram” (FIGUEIREDO, 1964, s/p)



Arca de Noé, (1964, s/p). - Fonte: Fundação Sidônio Muralha.

O humor delicado também é construído pelo prisma infantil:

“Quem não estava dentro de casa teve de abrir guarda-chuva e teve de chamar táxi. Quem não tinha guarda-chuva e não achou táxi ficou resfriado e teve de tomar remédio, chamar o doutor e ficar de cama. E a chuva foi caindo, caindo. Encheu a Praça Afonso Pena, encheu o campo de futebol, apagou o risco da amarelinha, encheu tudo (...) todo mundo morreu afogado, menos os (...)” (FIGUEIREDO, 1964, s/p).

O ritmo que sugere um encadeamento – de bicho a bicho que vai chegando, um a um, para entrar na arca de Noé -, e a enumeração que se estende com os vários tipos de nomes dos animais que vão sendo elencados, parece ser uma estratégia para representar uma fala narrativa (oral) e um retardamento temporal do final da história, à moda das parlendas.

As ilustrações de Dulce Carneiro são, como Sidónio Muralha antecipou em carta a Lemos, fotos trabalhadas em poucas cores. A criação parece se completar com fotos que cortam o animal ao meio, ou que aparecem repetidas em uma mesma folha, com cores diferentes.

O que concluímos no manuseio desses quatro livros, até aqui brevemente descritos, é que todos eles fazem parte de um projeto maior, que buscava oferecer educação e cultura (de qualidade) à criança, com coerência, perspicácia e sensibilidade. Uma política editorial que poderá soar estranha aos leitores contemporâneos, pela ausência de um excessivo colorido, pela falta de representações infantilizadas e “padronizadas” de animais e crianças, pela supressão de paisagens e cenários bucólicos e românticos - características de um padrão estético muito ao gosto do que os adultos entendem como sendo próprio do universo das crianças.

“O SONHO NÃO ESTAVA PRONTO, TERMINARA ANTES DO COMEÇO.” (LEMOS, 2014)

No início de 64, é possível ainda ler nas cartas trocadas entre Sidónio e Carlos Drummond de Andrade a esperança que o primeiro tem de publicar dois livros para crianças, com autoria do segundo “(...) que viriam valorizar o nosso movimento no sentido de atualizar a literatura infantil” e mais uma coletânea com três poemas de cada um dos poetas que, além do próprio Drummond, seriam Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Sidónio Muralha e Vinícius de Moraes (Carta de Sidónio a Drummond, 22/02/64).

Mas já no primeiro ano da editora Giroflé, matérias de jornais que anunciavam a sua estreia no mercado editorial também denunciavam condições adversas no país para investimentos desse tipo. Já no ano de 1963, cartas trocadas entre Sidónio e várias outras pessoas da equipe Giroflé expressavam preocupação com o pouco retorno obtido com a venda dos livros, além das

dificuldades encontradas para entrar em um mercado tão competitivo, que atendia a uma sociedade conservadora.

Segundo Saroldi (2001), vivíamos o impacto da inflação, do desemprego, da instabilidade política e social, em meio à necessidade de reformas educacionais, políticas e sociais, mas também participávamos de um clima de modernidade por causa da industrialização e urbanização, de um otimismo com o estímulo à produção e recepção de bens culturais.

Havia um sentimento entre a equipe da Giroflé de que o projeto editorial era muito inovador para uma sociedade conservadora, além do alto custo, tendo em vista a qualidade do papel e da impressão das obras; que o preço dos livros não alcançava as crianças das classes mais populares; que a contribuição dos associados (escritores, artistas e intelectuais) era insuficiente para suprir as demandas. Havia também a percepção de que os livros causavam estranhamento aos adultos-consumidores pela linguagem escrita e plástica diferente daquilo que já conheciam.

Segundo Muralha (1963),

na Sears, os livros estiveram expostos por alturas do Natal. Pessoas passaram, abriram, cheiraram os nossos livros, algumas abanaram-se com eles julgando que eram leques, outras perguntaram quantos lápis havia dentro. Mas nenhum comprou, o que faz acreditar que estamos no bom caminho (...). (MURALHA, 1963, Carta a Fernando Lemos).

Por tudo isso, era necessário um grande esforço da Giroflé para colocar em ação algumas estratégias para que a editora não fracassasse em seu empreendimento, como, por exemplo, entrar em contato com escolas, clubes e organizações comerciais a fim de aumentar a oferta e a possibilidade de venda, o que diminuiria o valor dos livros. Também buscar a adesão de indústrias e instituições governamentais para a aquisição de livros a serem distribuídos a funcionários e alunos. Por fim, ampliar a participação de particulares, que seriam subscritores individuais e permanentes das edições. (*Revista Visão*, 14/12/1962).

Na época, contaram com alguns vendedores de rua e um guarda-livros para fazer os livros chegarem aos bairros e escolas, conforme relata Lemos (2014). Mas alguns anos mais tarde, Muralha (1963) e Lemos (2003, 2014) declararam que a distribuição e comércio dos livros Giroflé não foram satisfatórias e nem simples. “Uma máfia” (LEMOS, 2014). Havia o reconhecimento de que empresas fortes no mercado editorial que estavam preocupadas em não colocar em risco o sucesso das vendas de suas edições fizeram boicotes aos seus livros.

Lemos (2014) relata que tempos depois do fechamento da editora, ele descobriu nos depósitos de Caio Prado, na Brasiliense, pacotes de livros da Giroflé que não tinham sido distribuídos. Também descobriram que livros ficaram encalhados nos depósitos das livrarias porque balconistas ganhavam gorjetas e gratificações para venderem apenas livros de editoras já estabelecidas há mais tempo no mercado, ou para deixarem escondidos, nas prateleiras, os livros da Giroflé (LEMOS, 2014).

Saroldi (2001, p. 231) destaca que, nos meses de março/abril de 1964, ventos sopravam no Brasil trazendo a censura explícita, a repressão à produção cultural e artística que não fosse ideologicamente de direita ou alinhada ao conservadorismo nacionalista.

Em 1964, o Ato Institucional nº 1 aumentou o desânimo da equipe Giroflé, criando expectativas sombrias, com projetos sem prazo para serem realizados, pondo em perigo os compromissos imediatos. Darcy Ribeiro, que levava em sua viagem de exílio repentino uma pasta com promessas, encomendas assinadas e um contrato de compra dos livros da Giroflé pelo Instituto Nacional do Livro, perdeu tudo durante o voo (LEMOS, 2003; 2014). Foram devolvidos os originais para os autores, que como acionistas deixaram de atender às mensalidades que constituíam a mínima sustentação da editora. Sidónio, em acerto dos direitos autorais de *Ou isto ou aquilo*, travou uma correspondência de dois anos com Heitor Grillo, marido de Cecília Meireles, que fora nomeado inventariante pelas herdeiras legítimas, justificando o não pagamento. (FERREIRA, 2023).

Segundo Lemos (2003; 2014) e Muralha (1965; 1966; 1967), a Giroflé buscou organizar-se como pôde para pagar a quem devia e, possivelmente, encerrar suas atividades, em meio a um sentimento de vergonha pelo fracasso do sonho. Havia a gráfica, que fizera centenas de cartões postais, não recebera

nada e ameaçava chamar a polícia para prender Fernando Lemos. Quitações das últimas prestações a serem pagas à impressora foram acertadas com a devolução da máquina ao antigo vendedor. A sala em que funcionava o escritório, também comprada à prestação, foi devolvida à imobiliária.

Havia o anúncio de uma falência fraudulenta, e para que isto não acontecesse, foram acionados advogados que protegeriam a retirada jurídica da empresa da praça. Fernando Lemos, por ser considerado a pessoa com maior responsabilidade pela editora, ficou impedido de sair do Brasil pela polícia por dois anos (LEMOS, 2003; 2014) e mais dinheiro foi gasto com os serviços advocatícios.

Por dois anos, a editora Giroflé cuidou de seu encerramento definitivo. Para Lemos (2014), talvez hoje fosse mais fácil. O povo lê mais no país, há mais investimento em livros infantis, mais interesse pela pedagogia moderna, e os pequenos leitores são muito diferentes dos daquela época.

Certamente, “os tempos não devem ter sido os mais adequados, os meios talvez equivocados, mas os personagens eram certos” (LEMOS, 2003, p. 192).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Uma vida “deliciante”**. In: Memória da Literatura InfantoJuvenil. Depoimento de Fanny Abramovich, realizado em 08/04/2008. Museu da Pessoa. Entrevistador: José Santos e Thiago Majolo MLIJ_HV002. Transcrição por Denise Yonamine. Disponível em: <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/uma-vida-deliciante-102796>>.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BALBI, Clara; ANTUNES, Beatriz. [digitalizado]. *Uma mente surreal*. In: *Folha de São Paulo*, SP, 19/12/2019. **Fundação Sidônio Muralha**. Curitiba, Paraná, s/p.

BATISTA, Elisabeth. “Portugal Democrático e o núcleo de imigrantes políticos portugueses, no Brasil”, em **Forma Breve – revista de literatura**, Universidade

de Aveiro, nº 13 (*Exodus: conto e recontos*), 2016, pp. 413-422, disponível em: <<https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/4813/3592>>

BOLETINS PEDAGÓGICOS de divulgação[digitalizado]. [Cartilhas 1;2;3]. **Fundação Sidónio Muralha**. Curitiba, Paraná, 1962.

BOSCHILIA, Roseli. Sidónio Muralha: memórias autobiográficas de um “homem arrastado”. Naveg@mérica. **Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas** [en línea]. 2013, n. 11. Disponível em: <<http://revistas.um.es/navegamerica/article/view/183671>> Acesso em 31 de maio de 2017.

BOSCHILIA, Roseli; RAMOS, Maria Natália. “Passados recompostos: narrativas sobre a experiência da i/emigração Portuguesa”. **The overarching issues of the european space- preparing the new decade for key socio-economic and environmental challenges**. Porto, Fac. Letras Univ. Porto. pp. 104-118, 2018. Disponível em <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16753.pdf>>.

BONOMI, Maria. Homenagem a Cecília Meireles por Maria Bonomi. [Vídeo]. Gouveia, Leila. **Colóquio Internacional de Poesia moderna**, PUC de Porto Alegre, 2014. Recuperado em 29 abril 2022, de <www.mariabonomi.com.br>.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARGO, Luís H. de. **Poesia infantil e ilustração: estudo sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles**. Dissertação de mestrado em Letras, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas/ SP, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643414>>.

CARNEIRO, Dulce. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa218617/dulce-carneiro>>. Acesso em 15 fev. 2023.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER. Roger. **História da Leitura no mundo Ocidental**. V.1 .São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **História Cultural – entre práticas e representações**. RJ: Bertrand, 1990.

_____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Tradução: Mary Del Priore. Brasília: EdUnb, 1999.

COELHO, Nelly N. **Dicionário Crítico da literatura Infantil e Juvenil brasileira**. São Paulo: Editora EDUSP, 1995.

D’AVILA, Antonio. **Literatura infanto-juvenil**. 3. Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1964. Vol. 20. (Coleção didática do Brasil. Série Normal).

DÓRIA, Renato. P. A xilogravura em Maria Bonomi e Renina Katz. *Revista de História da Arte e Arqueologia*. Campinas, SP: Unicamp, Número 2, 306-309, 1995.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Verbete GERDA Brentani. 2023. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa7482/gerda-brentani>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

ESCRITÓRIO DE ARTE. COM GERDA BRENTANI. **Biografia. Comentário Crítico.** Disponível em: <<https://www.escrioriodearte.com/artista/gerda-brentani>>

ESQUERDA. **Morreu o escritor Fernando Correia da Silva**. Disponível em <www.esquerda.net/escritor-Fernando-correia-da-silva-33455> Postado em 18/07/2014.

FERREIRA, Norma S. de A. Um estudo das (sete) edições de *Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles*. In: OLIVEIRA, Ellen. S. **120 anos de Cecília Meireles**. Itapiranga/SC: Schreiben, 2021. [e-book, impresso]. p.198-217.

_____. Um estudo das edições de “Ou isto ou aquilo”. *Revista Pro-Posições*, número 20 (2), Agosto de 2009, disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072009000200012>>

_____. Uma história de “Ou isto ou aquilo”, de Cecília Meireles: primeira edição, editora Giroflé, 1964. [Aprovado para publicação, ano 2023]. *Revista Pro-Posições*. Campinas, SP.

FIGUEIREDO, Guilherme. **A Arca do Sr. Noé**. [Ilustr. Dulce G. Carneiro]. (1ª ed.). São Paulo: Giroflé. [digitalizado], 1964. **Fundação Sidónio Muralha**: Curitiba/PR. Disponível em :
<https://drive.google.com/drive/folders/1DZ5qPbgmfVIAto2nw-GO2o_AsZZpNtFR?usp=sharing>

Fundação Sidónio Muralha. Editora Giroflé. (s/d). Folder divulgação. [digitalizado]. Curitiba, Paraná. (s/p).

GARCEZ, Maria Helena N. Um português cidadão do mundo. In: LEMOS Fernando; LEITE, Rui Moreira. **A Missão Portuguesa. Rotas entrecruzadas**. (pp. 161-165). São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

GÓES, Lúcia P. **Em busca da Matriz – contribuições para uma história da Literatura Infantil e Juvenil Portuguesa**. São Paulo/SP: Leia Cipler Editora, 1998. p. 132 - 138.

GRILLO, Heitor. Carta de H. Grillo a Sidónio Muralha, em 12/05/1965. [digitalizado]. Fundação Sidónio Muralha. Curitiba/PR.

Jornal A Gazeta de S. Paulo. Giroflé [digitalizado]. Fundação Sidónio Muralha: Curitiba, Paraná. (7/12/1962).

Jornal Folha de S. Paulo [Suplemento Folhinha, set. 1963]. **Quem lê vale mais**. [Primeira publicação da coluna]. Disponível em:
<www.livrariamemorial.com.br/peca.asp?ID=8080694>

_____ **Livros infantis** [digitalizado]. Fundação Sidónio Muralha. (25/11/1962)

Jornal Guanabara [digitalizado]. **Livros-brinquedos para crianças**. Guanabara. Rio de Janeiro. 7/3/1963. Fundação Sidónio Muralha. Curitiba, Paraná.

LEMOS, Fernando. Giroflé. In: Lemos Fernando & LEITE, Rui. M. **A Missão Portuguesa. Rotas entrecruzadas**. (pp. 191-192). São Paulo: Ed. Unesp EDUSC, 2003.

LEMOS, Fernando. (2008). Depoimento [vídeo]. Entrevistado por Thiago Majolo. [Entrevista: MLIJ_HV003], em 22/04/2008. In: **Memórias da Literatura Infantil**. Realização Museu da Pessoa. São Paulo. SP. Publicado 04/06/2008. Transcrito por Écio Gonçalves da Rocha]. Disponível em:

<<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/o-cara-que-salazar-mandou-ao-brasil-4942>>. Acesso em 05 jan. 2023.

MAZIERO, Maria das Dores S. **Arnaldo Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925):** histórias de ternura para mãos pequeninas. Campinas, SP: 2015. Tese de Doutorado, FE/Unicamp. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/alle/teses_dissert_tcc/arquivos/tesecompleta_mariad_asdoresmazziro.pdf>

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo.** [Ilustrações de Maria Bonomi]. (1ª. ed.). São Paulo: Giroflé, 1964.

MURALHA, Helen B. Sidónio Muralha, o poeta viajante que aportou em Curitiba. **Jornal Plural**, 29 jul. 2020. Recuperado em 22 janeiro 2022 de <<https://www.plural.jor.br/>>.

MURALHA, Sidónio. **A televisão da bicharada.** [Ilustrações Fernando Lemos]. (1ª. ed.). São Paulo: Giroflé, 1962.

_____ **A caminhada. Livro de vivências.** Lisboa (Portugal): Prelo, 1975.

_____ **Poemas.** Porto: Editorial Inova Limitada, 1971.

_____ Carta de Sidónio Muralha a Cecília Meireles, em 07/11/1963. [digitalizado]. **Fundação Sidónio Muralha.** Curitiba/PR.

_____ Carta de Sidónio Muralha a Carlos Drummond, em 12/02/1964]. [digitalizado]. **Fundação Sidónio Muralha.** Curitiba, Paraná.

_____ Carta de Sidónio Muralha a Heitor Grillo, em 28/02/1965]. [digitalizado]. **Fundação Sidónio Muralha.** Curitiba, Paraná.

_____ Carta de Sidónio Muralha a Fernando Lemos, em 22/02/1963. [digitalizado]. **Fundação Sidónio Muralha.** Curitiba, Paraná.

_____ Carta de Sidónio Muralha a Laura Sandroni, em 13/02/1976 [digitalizado]. **Fundação Sidónio Muralha.** Curitiba, Paraná.

PIRES, Herculano. (27/12/62). Mundo dos livros. **Jornal Diário da Noite.** São Paulo, SP. s/p.

PIRES, Herculano. **Sabatina Literária**. [digitalizado] Jornal Diário da Noite. São Paulo. SP. 29/12/62.

REVISTA VISÃO. [Seção Livros]. [digitalizado]. **Para ensinar e divertir a garotada**. São Paulo, S/P. 14/12/1962. Fundação Sidónio Muralha. Curitiba, Paraná.

SAROLDI, Luís Carlos. Escolha o seu Sonho. In: NEVES, Margarida S., LÔBO, Yolanda L. & MIGNOT, Ana Christina V. (Orgs.). **Cecília Meireles: A Poética da Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SILVA, Fernando C. **O sindicato dos burros**. [Ilustrações Willys de Castro]. (1ª. ed.). São Paulo: Giroflé, 1963.

SILVA, Fernando C. **Entrevista realizada por Raquel Santos**, em 01/09/2004 [VÍDEO UNIVERSIDADE ABERTA para TVRTP]. PORTUGAL RTP ARQUIVOS . Disponível em: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/fernando-correia-da-silva/>>

Recebido em 04/03/2023

Aprovado em 19/04/2023